

Triste retrato do Brasil *Boon. Brant*

O relatório sobre a competitividade no mundo, que acaba de ser divulgado pelo **International Institute for Management Development** e pelo **World Economic Forum**, instituições sediadas na Suíça, exibe um retrato sem retoques da crise em que o Brasil mergulhou no início dos anos 80 e da qual só sairá depois que a maioria das nossas "lideranças" políticas forem submetidas a uma **lavagem cerebral** que as liberte da síndrome do "terceiomundismo", ou seja, do terrível subdesenvolvimento cultural em que vegetam. Comparado com outros nove países de industrialização recente, o Brasil ficou em último lugar em termos de competitividade, o que obriga o provento senador progressista, Severo Fagundes Gomes, a rever suas teorias sobre a responsabilidade exclusiva do imperialismo econômico norte-americano por todos os nossos atrasos e fracassos...

A posição ocupada pelo Brasil no relatório de 1990 é pior do que a de 1989, quando nosso país ficou em oitavo lugar, à frente da Indonésia e do México. Igualmente afetado pela crise da dívida externa dos anos 80, o México reconstruiu sua imagem internacional depois de iniciar um severo programa de modernização de sua economia. Esse programa inclui a privatização de empresas estatais, maior abertura à economia internacional e a renegociação da dívida externa. O Brasil, ao contrário, até recentemente contentava-se em testar choques heterodoxos que, no máximo, continham temporariamente a inflação, mas não atacavam as verdadeiras causas dos nossos problemas, que estavam — e ainda estão — num Estado gigantesco e parasitário que suga as energias da economia nacional.

Por causa das baixas taxas de crescimento apresentadas entre 1980 e 1989, a economia brasileira ocupa o penúltimo lugar em termos de dinamismo; fica à frente apenas do México, cuja produção foi severamente prejudicada nos últimos anos (além do Brasil, da Indonésia e

do México, o relatório inclui entre os países de industrialização recente Cingapura, Coreia do Sul, Hong Kong, Índia, Malásia, Tailândia e Taiwan).

Chega a surpreender, no entanto, que o Brasil ocupe a última posição quanto à eficiência industrial, pois se costuma dizer que a crise não chegou a afetar o parque produtivo brasileiro. A explicação para isso está na baixa produtividade da mão-de-obra, no número maior de dias úteis de férias concedido ao trabalhador brasileiro e no baixo índice de informatização.

É surpreendente também que, detendo, provavelmente, o maior mercado financeiro de todos os países de industrialização recente pesquisados e mantendo nove instituições entre os 500 maiores bancos do mundo, o Brasil seja considerado o menos dinâmico do ponto de vista financeiro. Não há, no entanto, nenhuma contradição nessa classificação. Aqui, de acordo com o relatório, não há integração entre o sistema financeiro e o setor produtivo — ou seja, faltam investimentos que ampliem a capacidade instalada —, a poupança interna é baixa, as taxas de juros são as mais altas de todas as verificadas nos demais países e o déficit público brasileiro é o maior de todos.

Outros itens que compõem o relatório sobre competitividade mundial dão ao Brasil a classificação esperada: uma boa colocação no que se refere à utilização dos recursos naturais e as últimas posições em itens como o papel do Estado — é o primeiro em matéria de estatização —, a orientação internacional e a orientação futura.

O governo Collor assumiu o compromisso de eliminar todos os problemas diagnosticados pelo relatório sobre competitividade, a começar pelo principal deles que é o tamanho e a ineficiência do Estado brasileiro.

A julgar pelos primeiros 100 dias de execução do plano, no entanto, será impossível atingir os objetivos visados se em outubro próximo não elegermos um Congresso que seja o antípoda ideológico desse que aí está.